



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA -- CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

VITÓRIA ISIDÓRIO PROCÓPIO

**DE SAINT EXUPÉRY A JOANN SFAR: “O PEQUENO PRÍNCIPE”
EM QUADRINHOS**

**GUARABIRA – PB
2018**

VITÓRIA ISIDÓRIO PROCÓPIO

**DE SAINT EXUPÉRY A JOANN SFAR: “O PEQUENO PRÍNCIPE”
EM QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P963s Procópio, Vitoria Isidorio.
De Saint Exupéry a Joann Sfar [manuscrito] : "O Pequeno Príncipe" em quadrinhos / Vitoria Isidorio Procópio. - 2018.
25 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. O Pequeno Príncipe. 2. Literatura Infanto-juvenil. 3. História em quadrinhos. I. Título

21. ed. CDD 028.5

VITÓRIA ISIDÓRIO PROCÓPIO

**DE SAINT EXUPÉRY A JOANN SFAR: "O PEQUENO PRÍNCIPE"
EM QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Letras da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção de Grau
Licenciada em Letras.

APROVADO em 27 de novembro de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva
Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB - Orientadora

Danielle dos Santos Mendes Coppi
Prof.^a Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
UEPB - Examinadora

João Paulo da Silva Fernandes
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
UEPB - Examinador

A Deus, que me deu forças para prosseguir. A minha família, em especial a minha mãe e meu esposo pelo apoio. E à minha orientadora, Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

“Até aqui me ajudou o Senhor” (1Sm7:12), Deus merece toda minha gratidão por essa benção alcançada e por sua misericórdia e graça na minha vida.

A minha família, em especial minha mãe Lucineide Isidório pelo incentivo diário. Ao meu esposo Eliandson, que é um exemplo para mim de esforço e dedicação. Minha querida filha, Ana Laurine, que é um dos meus maiores motivos de prosseguir na realização dos meus sonhos.

A professora e orientadora, Rosângela Neres Araújo da Silva, pelos materiais de apoio que contribuíram para o conhecimento acerca da obra, por sua total assistência e por toda dedicação.

Aos professores e coordenadores, do curso da Graduação em Letras que também fizeram parte dessa conquista. Por fim, aos meus colegas pela amizade e apoio.

Toda boa história é, está claro, uma imagem e uma ideia, e quanto mais elas estiverem entremeadas melhor terá sido a solução do problema.

Henry James, Guy de Maupassant

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A LITERATURA INFANTOJUVENIL: ORIGEM E CONTEXTO.....	11
3. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHO E A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	14
4. A ADAPTAÇÃO DE O PEQUENO PRINCIPE EM QUADRINHOS.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

DE SAINT EXUPÉRY A JOANN SFAR: “O PEQUENO PRÍNCIPE” EM QUADRINHOS

PROCOPIO, Vitória Isidório¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a adaptação para os quadrinhos da obra “O Pequeno Príncipe”, abordando as principais características da HQ e as impressões significativas do autor Joann Sfar(2008) sobre os aspectos fundamentais para compreensão dos valores humanos, presentes no texto de Antoine de Saint-Exupéry. Observamos que existe um retorno da História em Quadrinhos com a narrativa de Exupéry, mas com algumas características visuais diferentes considerando a contemporaneidade de interpretação da obra. Avaliamos o gênero quadrinhos como sugestão de recurso didático para ser trabalhado em sala de aula, numa perspectiva de formação do leitor. Desse modo, baseamos nossa pesquisa nos estudos de Cademartori (2006), Cirne (2001), Colomer (2017), Cunha (2003), Santaella (2012), dentre outros.

Palavras chave: Literatura Infantil e Juvenil. O Pequeno Príncipe. História em Quadrinhos.

1. INTRODUÇÃO

Sabendo da relação que a literatura infantil tem com a arte, é importante entendermos o contexto de sua evolução para perceber sua essência artística, através de suas histórias, contos, prosas, poesias, dentre outros gêneros literários. De acordo com Teresa Colomer (2017, p.20), “uma das funções da literatura infantil e juvenil é a de abrir a porta ao imaginário humano configurado pela literatura.” A literatura torna-se responsável pelas primeiras impressões do mundo acerca de imagens e símbolos que nós humanos reproduzimos ao longo da vida.

(...) a obra literária produz, um tremor de sentido, põe em movimento nosso aparato de interpretação simbólica, desperta nossas capacidades de associação e provoca um movimento de ondas de choque que se prolongam muito tempo depois do contato inicial. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (embora ao mesmo tempo não exista nada mais complexo), a experiência humana. (TODOROV, 2007)

¹ Graduanda em Letras – Português, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: vitoriaprocopio_28@hotmail.com

Ao pensar nas histórias em quadrinhos (HQs) como recurso didático, precisamos inicialmente avaliar a proposta literária do gênero. Como mostra Cunha (2003, p. 103), durante algum tempo as HQs sofreram preconceito por parte de alguns estudiosos que viam na arte de contar histórias através da fusão palavra e imagem, algo que poderia “provocar preguiça mental, incentivar a violência ou investir demais em histórias não nacionais”. Os textos que devem ser levados à sala de aula devem contribuir na construção do conhecimento dos alunos, não apenas como estudantes, mas como indivíduos dentro de uma sociedade. Cunha (2003), afirma então que as histórias com enfoque literário, os recontos e adaptações, por apresentar discurso direto, imagens significativas e não meramente ilustrativas, símbolos e cores, atraem o público leitor e podem ser benéficas na compreensão de gêneros textuais diversos, bem como abrangerem a construção de sentidos. De acordo com Lucia Santaella (2012, p.108)

A relação entre a imagem e seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal, ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. (...) Nesse tipo de vínculo, texto e imagem relacionam-se por hábitos interpretativos já internalizados pelo receptor, pois o vínculo convencional depende de associações habituais e ideias.

Dessa forma, essas narrativas podem interferir nas associações e construções de ideias, numa perspectiva tanto educativa quanto cultural. A literatura nos proporciona esse prazer pela leitura, um mundo de descobertas através dos livros. Outra reflexão é que alguns autores, como Machado de Assis, defendem a ideia de que o leitor pode sim construir sua própria narrativa com base nas suas interpretações do texto lido.

Assim, nesse trabalho iremos analisar “O Pequeno Príncipe” em quadrinhos, numa perspectiva visual reflexiva e, sobretudo apontar algumas características originais e diferentes que o autor Joann Sfar utilizou em sua adaptação.

2. A LITERATURA INFANTOJUVENIL: ORIGEM E CONTEXTO

A literatura Infantojuvenil sendo uma arte dedicada ao jovem leitor tem como marco inicial as adaptações do escritor francês Charles Perrault, compilador de contos populares por volta do século XVII, com histórias como *Cinderela* e *Chapeuzinho*

Vermelho. Mais tarde, no século XIX, outros autores se destacaram com suas obras literárias infantis tais como: “Os Irmãos Grimm (com *João e Maria e Rapunzel*), Hans Christian Andersen (com *O patinho feio e Os trajes do imperador*), Collodi (com *Pinóquio*), Lewis Carroll (com *Alice no país das maravilhas*), Frank Baum (com *O mágico de Oz*), Barrie (com *Peter Pan*)” (CADEMARTORI, 2006, p.33-34).

Aqui no Brasil, a literatura infantil iniciou-se com Monteiro Lobato e sua obra “Sítio do Picapau Amarelo” o tornou conhecido por adicionar as características culturais do país. Situamos dois tipos de cultura em sua obra: a nativa, que especulava restritamente entre os índios e a mitologia, e a cultura do colonizador que reprimia e tinha a intenção de destruir as manifestações do povo nativo, em detrimento dos padrões culturais europeus.

Assim, desenvolveram-se, paralelamente, dois tipos de cultura no Brasil: uma europeia, elitista, livresca; outra, nativa, popular, agráfica. Nessa medida, educar passou a significar a restrição e o deslocamento do nacional em favor da imposição cultural estrangeira. (CADEMARTORI, 2006, p.44).

Grande parte da nossa produção literária registra o que é propriamente nosso, porém Lobato é um caso particular, uma vez que calcula sua intensidade na literatura brasileira, o autor concilia o que é nativo com o que é estrangeiro nas suas proporcionalidades.

Para Lobato, o nacional deixa de ser pitoresco para ganhar tipificação humana em Jeca Tatu, personagem polêmica, causadora de inúmeras discussões, na medida em que contrapunha ao ufanismo da paisagem exuberante na qual se havia enxertado o indígena belo e cavalheiresco, a subnutrição de um tipo que, de cócoras, não espera nem produz nada em sua vida vegetativa. (CADEMARTORI, 2006, p.47).

Desse modo, via-se na obra lobatiana uma proposta não nacionalista, modelo que o governo impunha à literatura pela censura. “*Dessa natureza é o nacionalismo de Lobato: sem ufanismos, sem patriotada, o olho crítico e impiedoso na realidade do país, a inconformidade com os problemas da sociedade brasileira.*” (CADEMARTORI, 2006, p.47).

Monteiro Lobato representava todos aqueles que estavam insatisfeitos com as repetições, assim como os estereótipos estabelecidos pela sociedade da época. Suas obras infantis tentam minimizar e superar as convicções normatizadas da época. A liberdade nas falas de suas personagens estabelece um modelo individual de pensar,

a inteligência, influenciando a consciência crítica do leitor.

Fugindo a todo moralismo que costuma acompanhar muito de perto a produção do livro infantil, sua obra incentiva a investigação e o debate sobre questões a que o consenso e os valores estabelecidos já haviam dado resposta. É nessa proporção que a obra extrapola as expectativas de seus leitores, caracterizando-se pela ruptura com a moral oficial, com os preceitos religiosos e com as normas estatais. (CADEMARTORI, 2006, p.51).

Na atualidade, esse extrapolamento pode ter acarretado também muitos problemas para a obra lobatiana, que necessita de olhar e discussão críticos em alguns aspectos, ressalvadas as especificidades do tempo e contexto em que foi escrita.

Outras percepções acerca da literatura infantil surgiram a partir de 1970, e vários escritores ou atualizaram os gêneros para a infância ou criaram novas propostas. Nesse caso, entende-se que a concepção visual é um caminho que aprimora e instiga a leitura não verbal. Uma das autoras com algumas obras de textos visuais nesse período é Eva Furnari.

Dessa forma, a produção nacional representada por Eva Furnari, Ângela Lago, Juarez Machado, Mary França, Eliardo França, Tenê, Bartolomeu Campos Queirós, Sylvia Orthof, Jandira Masur, Joel Rufino dos Santos, Reynaldo Valinho Alvarez, Chico Buarque de Holanda, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ziraldo, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, Odylo Costa Filho, Sidonio Muralha, dentre outros, elevou bastante a fusão entre palavra e imagem, que já era bastante relevante nos livros para a infância e a juventude em outros países.

Para que livros destinados às crianças? Quais as suas utilidades?

É importante refletirmos sobre a literatura Infantojuvenil, pois é na infância que a descoberta pela leitura deve iniciar. Como define Colomer (2017), os livros podem influenciar no comportamento das crianças como também podem ser a porta de um novo conhecimento, especificamente o da literatura, contribuindo sobretudo para o desenvolvimento do imaginário, o domínio da linguagem e como instrumento de socialização.

Assim, a literatura infantojuvenil é de grande relevância principalmente nessa descoberta do abstrato, nas reflexões e interpretações que realizamos quando lemos

um livro. Questionar sobre as narrativas é importante para que haja um condicionamento assertivo da parte de todos os envolvidos no processo de produção e ensino das linguagens.

Assim, pois, a literatura oferecida aos meninos e meninas os incorpora a essa forma fundamental do conhecimento humano. No campo da psicologia, a corrente psicanalítica foi a primeira a destacar a importância da literatura na construção da personalidade. (COLOMER,2017, p.21)

As narrativas destinadas ao público infantil podem ser vistas como um apoio cognitivo para o desenvolvimento do leitor, como uma reelaboração de uma obra literária mais complexa, assim a literatura infantojuvenil promove leituras do mundo a partir da arte literária. É papel dessa literatura expandir a apreensão da realidade de modo que seus leitores passem à atribuir novos significados. Sua função, portanto, é desenvolver uma consciência literária criativa e a autonomia de pensamento.

A primeira experiência que as crianças têm com a narrativa é oralmente, dirigida por um adulto, e conforme crescem desenvolvem seus próprios gostos pela leitura e certamente passam a selecionar não só suas partes preferidas das histórias como também os gêneros narrativos. Nos primeiros anos de experiência com a leitura, é necessário que a narrativa seja curta para que a construção de sentidos se viabilize e o exercício da leitura possa se fazer contínuo.

A interação do adulto também é fundamental na leitura oral, uma vez que ele precisa ser participativo e, na maioria das vezes, deve incorporar os personagens e as falas para fixar a atenção das crianças. Outro aspecto fundamental é a presença de imagens e cores, ilustrações que facilitam a compreensão do que se trata a narrativa e seus personagens. Como os desenhos sejam eles concretos ou abstratos fazem parte da infância, as crianças se envolvem com eles como parte dos atributos narrativos. As ilustrações são responsáveis por significações diversas de interpretação das histórias.

Cunha (2003) aponta que as crianças são conquistadas por novidades, coisas que lhe causem interesse, cores, os movimentos, a mistura da fantasia (o elemento mágico) com o real, situações que proporcionem alegria, diversão e/ou até mesmo sentimentos contrários como medo, tristezas tomando-os como um desafio cognitivo. O tempo dessas narrativas é essencialmente cronológico uma vez que, segue o desenvolvimento da narrativa sem interrupções anteriores.

O discurso direto é responsável pela melhor apresentação das falas dos personagens. O diálogo concretiza e personifica o sentido real das cenas. Obviamente uma história destinada a crianças difere de uma obra destinada a adultos, uma vez que existem as especificidades de conteúdos para cada faixa etária. A necessidade do “desfecho feliz”, também é um princípio dessas narrativas, pois é natural que durante a leitura a criança se incorpore na história e, por isso se a narrativa não tiver um final feliz, certamente, não atingirá as expectativas do leitor (CUNHA, 2003).

Todo indivíduo passa por transformações, desde o nascimento, adolescência até a fase adulta. A literatura infantil estabelece três fases: a do mito, a da compreensão da realidade e a do pensamento racional, como aponta Cunha (2003, p. 100). A autora ainda afirma que essas fases são um recurso pedagógico apenas, um viabilizador na seleção das histórias propícias a cada fase. A primeira concentra-se nas abstrações e fantasias (mitos/lendas) que a criança desenvolve no imaginário; a segunda fase prioriza o empenho pessoal, mostrando os atos heroicos das narrativas como subsídio para alcançar vitórias; a terceira é a fase que evidencia o pensamento racional da criança, seu primeiro contato com uma nova fase, a juventude, e assuntos relacionados a este momento.

Cunha (2003) acrescenta, porém, que essas fases podem extrapolar os próprios limites das capacidades cognitivas e de aprendizagem, nas quais as imagens, a literatura realista ou a ficção científica podem abranger leituras diversas.

3. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHO E A FORMAÇÃO DO LEITOR

As HQs e o texto literário

No âmbito social em que vivemos, os professores precisam inovar seus métodos de ensino, e desta forma se adequar a seus educandos, possibilitando oportunidade para ensinamentos mais dinâmicos e atrativos, aperfeiçoando a qualidade da aprendizagem deles. Sendo assim, o aluno encontra-se inserido em um contexto tecnológico dinâmico e atrativo, dessa forma, a escola precisa acompanhar tal contexto.

Um desses recursos didáticos é a história em quadrinhos, que pode se encaixar em diversas disciplinas, através do desenho, da linguagem verbal e não verbal, a temática e o contexto. Sabemos que no processo de ensino-aprendizagem o professor

torna-se responsável pelo conhecimento adquirido e pelo conhecimento que será produzido pelos alunos, apesar das mudanças constantes no mundo cotidiano, ainda existem professores que continuam aptos à maneira tradicional de ensino, impossibilitando o aluno de pensar e transmitir o que pensa.

A história em quadrinhos surgiu no século XIX, trazendo consigo os super-heróis, e tornando-se um fenômeno mundial. Seu uso como recurso didático é relativamente novo, data do século XX, em que os gêneros textuais passam a agrupar as práticas sociais de linguagem. As HQs são úteis pois trazem o lúdico e a comunicação visual e verbal.

Formalmente, as narrativas existem no tempo e as imagens no espaço. Durante a idade média, um único painel poderia representar uma sequência narrativa, incorporando o fluxo do tempo nos limites de um quadro espacial, como ocorre nas modernas histórias em quadrinhos, com o mesmo personagem aparecendo várias vezes em uma paisagem unificadora, à medida que ele avança pelo enredo da pintura. Com o desenvolvimento da perspectiva, na Renascença, os quadros se congelam em um instante único: o momento da visão tal qual como percebida do ponto de vista do espectador. A narrativa, então passou a ser transmitida por outros meios: mediante "simbolismos, poses dramáticas, alusões à literatura, títulos", ou seja, por meio daquilo que o espectador, por outras fontes, sabia estar ocorrendo. (MANGUEL, 2001, p. 44)

As HQs possuem como base o quadrinho (ou vinheta) que se apresenta como estrutura narrativa no desenvolvimento da história através de dois elementos: o desenho e o texto complementar. Santos (2001, p.3), afirma que "a linguagem característica dos quadrinhos e os elementos de sua semântica, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino."

Segundo Palhares, (2010),

A interpretação do não verbal, assim como do verbal, pressupõe a relação com a cultura, com o histórico, com a formação social do sujeito intérprete. Nesse sentido, na história em quadrinhos são veiculadas duas mensagens: uma icônica ou visual e outra linguística, que se relacionam, constituindo uma mensagem global. A mensagem icônica e verbal nos quadrinhos não se exclui, mas interagem, combinando de tal forma a ponto de permitir novas possibilidades de encaminhamento e de recepção da mensagem.

Os temas utilizados por essas narrativas podem incontestavelmente influenciar no processo educativo do leitor e na concepção de conhecimento que incorpora o

texto e a imagem. As HQs são inspirações para o cotidiano, uma forma lúdica de ler, prazerosa e sedutora, com suas imagens, cores e traços.

[...] o verdadeiro (e bom) quadrinho seduz pelo conhecimento que leva ao despertar, que leva à alegria, ao prazer, à consciência. O despertar que leva à soma de possibilidades formais e conteudísticas, mediadas pelo simbolismo da função poética entre o objeto apenas visto e o objeto de fato desejado. A função poética, assim entendida, passaria a ter, digamos, uma função amorosa baseada, inicialmente, na sedução. E a arte, mesmo a mais clássica, desde que sensível e de modelar competência, não é apenas para ser vista, para ser contemplada como algo inerte; é para ser desejada, amada (ou odiada) com intensidade (CIRNE, 2001, p.19).

Cabe destacar aqui o movimento artístico Pop Art, que surgiu na Inglaterra por volta dos anos 1950, e uma de suas inspirações foi a história em quadrinhos. O Pop Art é caracterizado pelas cores vibrantes e o formato das ilustrações. Uma das referências desse movimento da arte pop é o pintor Roy Fox Lichtenstein, que se utilizou dos quadrinhos para pintar sua insatisfação com a cultura de massa.

Em relação ao uso dos quadrinhos em sala de aula, é interessante elaborar propostas que motivem o interesse pela leitura, sobretudo, as HQs são uma forma lúdica e um recurso didático apropriado para a realização de atividades dentro do contexto vivenciado pelos alunos, despertando a criatividade. Pensar nos quadrinhos é pensar numa produção cultural e popular, porém ainda há necessidade de nivelá-los numa escala artística e literária e, essa possibilidade gera problematizações apesar de suas semelhanças.

As adaptações para os Quadrinhos

Aqui no Brasil por volta de 1950 a população já lia as histórias em quadrinhos, porém, eram as histórias estrangeiras propriamente dos Estados Unidos já que a produção no país não havia se propagado. “Tarzan” foi a primeira adaptação publicada no Brasil pelo autor Hal Foster, com base na obra de Edgar Rice Burroughs. E com base nos textos teóricos, percebemos toda a essência das adaptações em quadrinhos uma vez que, seus autores faziam referência aos autores das obras originais.

A editora que se destacou na época com as HQs foi a EBAL, que em 1948 traduz a série “Classics Illustrated” em “Edição Maravilhosa”. Em 1977, outra editora que se destacou foi a Rio Gráfica com a publicação da revista “Sitio do Picapau

Amarelo”, trazendo os personagens de Monteiro Lobato em cartuns, conservando a essência do texto lobatiano.

A partir do ano 2000 foi que as HQs começaram a resplandecer, com a introdução feita pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), como um recurso didático e logo em seguida a participação nos livros escolares, distribuídos pelo MEC. No decorrer dos anos percebemos grandes obras literárias sendo adaptadas para os quadrinhos e ganhando prestígio do público leitor.

A interação entre a literatura e a obra quadrinizada é o aperfeiçoamento do bom texto, uma permuta de gênero literário aberta para novas interpretações. Nesse sentido, as HQs representam um aperfeiçoamento de linguagens, um novo estágio semiótico e sobretudo um contexto para a construção de novas percepções e sentidos.

4. A ADAPTAÇÃO DE “O PEQUENO PRÍNCIPE” EM QUADRINHOS

“O Pequeno Príncipe”, obra de Antoine de Saint-Exupéry, é um clássico universal, uma história humanizadora e reflexiva sobre os valores humanos. Foi publicada pela primeira vez em abril de 1943 e desde então tornou-se uma narrativa de referência, ganhando tradução para diversas línguas, diversas reimpressões e edições de luxo. Joann Sfar, quadrinista francês, romancista e diretor de cinema, adaptou a obra de Saint-Exupéry para os quadrinhos, em novembro de 2008.

Como a proposta da adaptação em uma HQ é contar o essencial da temática narrativa, e sem querer fazer um estudo comparativo, vale ressaltar que a dedicatória que Saint-Exupéry faz a Léon Werth, não é reproduzida na adaptação. Nessa dedicatória, declara os acontecimentos correntes na época devido à Segunda Guerra Mundial, um comentário relevante ao contexto histórico na qual foi escrita a obra, e os conflitos que Exupéry enfrentava por ser piloto de guerra, fato este que facilita a compreensão do leitor sobre a narrativa e os personagens. Uma questão que leva a supressão da citação é possivelmente o caráter bastante narrativo da dedicatória. Na HQ, observamos que existe uma preocupação mais direta de mostrar a interação entre o piloto e o Pequeno Príncipe.

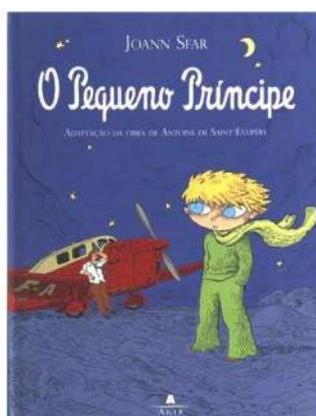


Figura 1: Capa da HQ

Nesse sentido, Sfar aproveita bem cada parte da história, apesar de uma adaptação em quadrinhos focarnos acontecimentos principais da narrativa, dando mais ênfase à imagem. As imagens se referem às reflexões sobre os valores humanos, os interesses fundamentais da vida como a amizade e o amor.

Após a queda do avião no deserto do Saara, o desenho de “uma jiboia engolindo um elefante” dá início à história sobre o desejo do piloto de um dia ter sido desenhista. Vemos a narrativa ser construída a partir da fumaça do cigarro do avião, para semiotizar seu desenho que as pessoas adultas não compreenderam, como mostra a Figura 2.



Figura 2: Reflexão do avião sobre seu desenho

Na Figura 3 abaixo, percebemos uma reflexão visual através das cores e o contraste que Sfar utilizou para destacar a imagem do desenho original do avião que é o ponto de partida da narrativa. O avião mostra o resultado do desenho e

depois conta como foi desencorajado a ser desenhista, porque as pessoas sempre confundiam seu desenho com um chapéu:



Figura 3: O desenho

O desenho é uma das primeiras relações entre a HQ e a narrativa de Saint-Exupéry. Exausto e solitário, o aviador sente a necessidade de consertar o avião, porque sabe que já começa a delirar, uma vez que está conversando com a fumaça do cigarro. No entanto, ele adormece até o anoitecer e quando desperta encontra com o Pequeno Príncipe, que tem na HQ algumas das características do personagem de Saint-Exupéry: cabelos dourados, os olhos azuis, mas o quadrinho atualiza a vestimenta e a forma de se expressar do Príncipezinho, como observamos na Figura 4.



Figura 4: O desenho

O Pequeno Príncipe tem uma aparência mais moderna e sofisticada, na HQ. A sequência seguinte é a mesma do livro, em que o Pequeno Príncipe pede ao piloto para lhe desenhar um carneiro. O piloto que se acha incapaz de desenhar algo que faça sentido lhe dá o desenho da jiboia engolindo o elefante e ele rejeita, dizendo que não quer desenhos de jiboias engolindo elefantes, quer um carneiro. Logo se revela a

sensibilidade da criança em olhar além da imagem superficial.

No decorrer do diálogo entre os personagens, percebemos a curiosidade do piloto em saber onde o menino morava e por que ele precisava de um carneiro. Logo, descobre que o planeta do Pequeno Príncipe era o Asteroide B-612, e lhe explica que os homens dão números e nomes para todas as coisas. As pessoas grandes só se importam com a utilidade das coisas/pessoas e seus próprios interesses e os valores que são calculados em números.



Figura 5: O diálogo sobre números

Então, já cansado da insistência do menino em pedir-lhe para desenhar um carneiro, ele lhe entrega, finalmente, o desenho.



Figura 6: O desenho do carneiro

A HQ é bastante expressiva nas cores que significam mudanças de emotividade do autor dentro da narrativa, nos ambientes e na caracterização dos personagens. O traço de Joann Sfar como quadrinista está na construção de efeitos visuais contrastantes e na expressão de emotividade exagerada, como por exemplo

os olhos e a cabeça enorme do menino, que lhe dão uma característica “extraterrestre”, o que se adequa ao contexto do enredo, bem como a cara bizarra que ele faz quando sabe que o piloto caiu do céu no avião².



Figura 7: A expressividade no traço de Sfar

Essa expressividade também está no sonho do Pequeno Príncipe com os baobás, mostrados como as árvores gigantes capazes de destruir o seu planeta, como na Figura 8:



Figura 8: Os baobás

As ilustrações da narrativa que revelam o pesadelo que o menino teve com os baobás (planta de troncos largos, de origem africana) são intensas e realmente assustadoras, assemelhando-se às histórias mitológicas que as crianças passam a conhecer através dos contos e lendas, e que conseqüentemente também marcam parte da infância de quase todas as pessoas. A preocupação do Pequeno Príncipe com os baobás é que eles poderiam proliferar em seu planeta e destruí-lo.

Joann Sfar também utiliza bem as cores para diferenciar os planetas pelos

² Conferir o texto de Rodrigo Souza em <https://nerdgeekfeelings.com/quadrinhos-o-pequeno-principe-resenha/>

quais o Pequeno Príncipe viaja a fim de compreender o que é cativar. Elas representam a personalidade dos líderes desses planetas e assim Pequeno Príncipe descobre que os outros habitantes dos planetas por onde passa, viviam solitários e demonstravam apego por bens materiais e efêmeros, representando a essência do ser humano adulto corrompido.

O rei, por exemplo, nos mostra como o homem pode ser prepotente, mesmo sabendo que as consequências das suas atitudes pode ser a solidão. Consequentemente o vaidoso, como o próprio adjetivo já diz, é alguém que enxerga os outros homens apenas como seus admiradores, que dá mais importância para as aparências. O bêbado, que tudo o que faz é beber, corrompido pelo vício, a vida não faz mais sentido. O empresário vive de cálculos, os números lhe interessam, aparenta ter tudo, mas na verdade, não possui nada. O acendedor de lampião, nunca sai do lugar, sua visão se limita ao seu trabalho e já não lhe sobra tempo para mais nada. E apesar de todo seu conhecimento, o geógrafo vive dependente de exploradores para escrever suas histórias, ele não é capaz de viver suas próprias aventuras. Na Terra, surpreende-se o Pequeno Príncipe em ver que todos aqueles personagens distorcidos existem em maior quantidade, como mostra a Figura 9.



Figura 9: A Terra

O Príncipe entristece em constatar essa quantidade de corrupções dos valores humanos e é a raposa, um dos personagens mais significativos da narrativa e também da HQ, pois ela ensina o quanto devemos valorizar o que é verdadeiramente importante e sermos gratos pelo essencial. Usa os campos do trigo como uma metáfora para a saudade e a lembrança usados para cativar as amizades. O Príncipe também aprendeu com a raposa que apesar de haver várias rosas no mundo, a dele, a que deixou em seu planeta, era única, era insubstituível.



Figura 10: A Raposa

Essa parte da HQ é muito semelhante à obra fonte e depois do encontro com a Raposa, o Pequeno Príncipe sente que precisa retornar ao seu planeta. Depois de se despedir do amigo piloto, ele segue viagem de volta e nunca mais o piloto ouve falar dele.



Figura 11: A viagem

Desse modo, a HQ reafirma a essência do texto de Saint-Exupéry, e nos ensina a manter valores e virtudes importantes, além de nos fazer refletir acerca do que é necessário e essencial. A despedida entre o Pequeno Príncipe e piloto nos faz ter mais certeza das chegadas e partidas imprevisíveis em nossa vida, da falta que a infância muitas vezes nos faz e de como aprendemos coisas surpreendentes a partir do olhar das crianças e de seu imaginário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilitou uma nova e gratificante descoberta sobre a literatura, em específico a literatura infantil e juvenil. Nessa análise, percebemos a importância em despertar na criança e no jovem a imaginação, o domínio da linguagem e o diálogo sobre o mundo. Além disso, vimos como as HQs podem funcionar como um recurso didático atrativo na construção de conhecimentos.

Como já mencionado anteriormente, essa união da obra quadrinizada com a literatura é a fusão de linguagens na construção de sentidos, além de promover a leitura de vários códigos linguísticos e visuais. As reflexões feitas acerca da obra “O Pequeno Príncipe Em Quadrinhos” mostra um retorno à obra fonte, a narrativa de grande sucesso de Antoine de Saint-Exupéry, mantendo um diálogo com os temas nela acrescentados e ao mesmo tempo acrescentando uma interpretação contemporânea desses temas. Assim, alguns quadros apresentam características visuais que diferem em alguns momentos da obra fonte, porém sem perder o sentido próprio da narrativa.

A obra adaptada para os quadrinhos é uma ótima opção de releitura de “O Pequeno Príncipe”, uma vez que o autor valorizou bem seus personagens instigando o prazer da leitura verbal e visual como forma de aproximar o leitor mirim.

REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.
- CUNHA, Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NEVES, Sílvia da Conceição. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. Universidade de Brasília: 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Roberto Elísio. **Aplicação da história em quadrinhos**. RevistaUniverciência, Vol.08, nº 22. São Paulo: 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4507/4229>> Acessado em 02 de outubro 2018.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SFAR, JOANN. **O Pequeno Príncipe em Quadrinhos**: adaptação da obra de Antoine de Saint-Exupéry. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

TODOROV, Tzvetan,1939. A literatura em perigo/Tzvetan Todorov; Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.